



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLÚCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE-ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



O Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

13 de Fevereiro de 2010 • Ano LXVI • N.º 1720
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

Festa no Coliseu

UM pouco já desabituaados dos trabalhos que se exigem na sua preparação, os nossos rapazes vão-se aplicando nestas tarefas, também importantes para o seu crescimento, no convívio com os nossos Amigos.

Estes, que sois Vós, já vão querendo saber onde adquirir os bilhetes, ao que nós informamos que serão encontrados na Casa Dina, na Rua Mártires da Liberdade, n.º 7, no Porto, ou nas bilheteiras do próprio Coliseu do Porto, a partir de data que ainda não sabemos revelar. Como a Festa será no dia 27 de Março, não faltarão muitos dias para que os bilhetes estejam disponíveis para ser adquiridos.

Sabemos que os «batatinhas» de Miranda do Corvo já vão afinando as suas vozes para encantarem todos os que estiverem presentes na enorme sala do Coliseu, e que os rapazes de Setúbal, como é seu timbre, vão preparando com arte os números que porão em palco. Lá, tudo se revestirá da naturalidade que nos caracteriza, para que se veja que «Isto é a Casa do Gaiato».

Padre Júlio



REFLECTINDO

Padre Telmo

SEI que o meu andar já não é vertical e liso... Foi assim que cheguei ao princípio da fila do Banco BFA. Parei e limpei as gotas de suor.

Senti um braço no meu braço e vi o começo da fila afastar-se com sinal para eu avançar. Depois, o fim até ao senhor do balcão que me atendeu... Virei-me, antes de sair, e sorri a todos com amor! Um cacho colorido duma acácia rubra! Tenho pena de não ter dito: — Meus senhores e minhas senhoras Angolanos, estou em Angola desde 1960. Obrigado por este gesto de ternura para com este velho sem cor.

* * *

Luanda!

Sou eu mesma..., com o beijar constante da minha baía! A seguir, a minha ilha com o cheirinho dos carapaus assados! E lá, no alto mar, a fila de navios — devagarinho em direcção ao porto. Dentro do meu coração, o ninho de muceques que fazem palpar o sangue... Logo, cedo, saem as airosas andarilhas — em ritmo de bamboleiro, em direcção às minhas ruas compridas — carregadas com os cestos à cabeça: Hortaliças, cocos, peixe, fruta e mais o quê... Multidão de carros, apitos, passeios — carreiros de formigas — filhos meus com suas fadigas e gotas de suor...

Agora estão subindo prédios... Estamos pensando subir aos céus?

Não faleis mal de mim. Amai-me. Plantai flores nos quintais.

* * *

No princípio, lá nas catacumbas — reinava a repartição dos bens. Os mais ricos vendiam e repartiam. Tudo em comum! Maravilhoso! A tantos anos de luz...

Impossível regressar? Possível e necessário traçar caminhos, abrir veredas, se preciso, saltar muros.

Para quando e para quê guardarmos nossos tesouros?

Incompatível com a nossa fé, podendo nós, haver pobres na rua... «Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum» □

«UMA ESPÉCIE DE VISITAS PASTORAIS...»

Padre João

JÁ não passava, há algum tempo, tão rente ao Aleixo — tão mergulhado fica, a caminho da Foz. Diante de uma daquelas torres acabada de ir abaixo, vieram-me à memória as vidas do João Carlos e do Nuno Fernando. Por serem dali, ambos ficaram alcunhados, em nossa Casa, do «Aleixo».

Nem de um nem de outro temos notícias. Tão pouco as consegui naquela tarde: «aquí, o que manda é a alcunha...» — respondeu um dos rapazes de um grupo a quem me dirigi, por eles...

Foi junto a uma daquelas torres que deixei o João Carlos que, há muito não me largava por querer «os meus papéis...» — os seus documentos pessoais. Aguardava-o o seu avô e uma senhora com quem tinha recentemente casado.

Para evitar a fuga — que eu sabia ser certo caso fosse contrariado — vim com ele, naquela manhã, rumo ao Porto. Parecia-me uma estratégia votada ao fracasso, aquela pela qual optara. Mas há momentos em que nos quedamos, sem solução à vista, diante dos problemas humanos. E a opção tomada era a que parecia mais razoável. O João Carlos estava perto dos 20 e com algum défice de permeio, há muito diagnosticado pelo Magalhães Lemos...

Assim, deixava-o preso a alguém que lhe pudesse deitar os olhos... embora tivesse regressado possuindo por um enorme sentimento

de derrota. Mas, entregá-lo à rua, nunca! Preferir a rua seria uma escolha da sua responsabilidade.

O tempo foi passando e o seu rasto desfazendo-se. Foi um outro «irmão» seu, recluso, que, no decorrer de uma das minhas visitas à cadeia me deu a triste notícia: «sabe quem está cá? É fulano... Ó agrura! Fracasso dele fracasso nosso... Um pensamento de Pai Américo me assistiu naquele momento: «nós pomos-lhes a mesa e servimos em tolha de linho... e se eles não quiserem vir havemos de chorar os nossos pecados». Só Deus nos faz sentir a dor verdadeira da nossa imperfeição na linha da Caridade. Antes de condenar, examinemo-nos...!

Já fora do Bairro, num Lar de Idosos, fui dar com a avó Mimosa de oitenta e largos, bem sofridos, muitos filhos e filhas. Ao pé dela, contemplando em silêncio o seu rosto cheio de rugas e sinais, devotamente, enquanto nos entregava o seu netinho: «leve-o senhor abade que o meu santinho — o Pai Américo — há-de ajudá-lo!»

«E o nosso menino?» — perguntei ansioso... E pela resposta vaga pareceu-me que ambos o procuramos sem sucesso...

D. Antonino Dias, Bispo de Portalegre, entrevistado pela Renascença no âmbito da rubrica «no caminho das Dioceses» afirmou que os políticos não fazem mais

pelo interior do país porque não conhecem o que por lá se passa e defendeu que os deputados deviam fazer uma espécie de «visitas pastorais» para conhecerem os problemas e as necessidades das regiões pelas quais foram eleitos. Os políticos e os deputados; o interior, principalmente, mas também as periferias e os bairros das grandes cidades — que os campanários não-de ser farol. Os vicentinos e outros agentes do social; eles e não só eles...!

É preciso voltar à avó Mimosa para sabermos do seu e nosso menino!

Entretanto não vamos perder de vista essa imensa «periferia» onde acampou, dramaticamente, o João Carlos. □

PENSAMENTO

Se, na verdade, por graça de Deus, a gente for capaz de levantar alguns destes ao nível da vida humana e conduzi-los ao ponto de constituir família, para que dêem aos seus outra herança; se a gente for capaz de os amar com todos estes defeitos e até por causa deles; se assim acontecer, Senhor do Céu, é sinal de fidelidade à missão. Este prémio nos basta.

Pai Américo

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

ISOLADOS — Numa das crónicas de Janeiro passado, a propósito da ronda de Natal que fizemos por pessoas que a nossa Conferência acompanha, falamos-vos da situação de “solteiros” em que se encontram algumas delas e da previsível tendência de aumento do número de casos de pessoas em situação de isolamento, sejam solteiras ou não. Ora mal tínhamos acabado de redigir essa crónica, chegaram-nos novos casos exactamente desse tipo.

Dum deles já demos uma primeira nota na última crónica:

Trata-se de uma senhora com deficiência mental, com filhos, que a Segurança Social colocou numa instituição do Porto. O pai sofre de alcoolismo, estando algures no Porto, em paradeiro que a senhora desconhece. Até há pouco tempo atrás, ela também vivia no Porto, tendo estado alojada temporariamente numa casa abrigo da Segurança Social. Para pôr termo a essa situação os serviços da Segurança Social procuraram-lhe uma casa para alugar. Através da consulta de um anúncio de jornal, encontraram essa casa cá em Paço de Sousa, tendo mandado a senhora para aqui, com um rendimento que praticamente só dá para pagar a renda.

Fora do meio onde habitualmente vivia, sem família por perto, quase sem rendimento disponível depois de pagar a renda, com uma senhoria que não perdoa, e sem capacidades mentais para se orientar como deve ser, é aquilo a que poderemos chamar, com toda a propriedade, um caso sério. Para complicar as coisas, a senhora foi objecto de uma intervenção cirúrgica delicada. Parece que lhe tem valido muito uma pessoa que é madrinha de um dos seus filhos. O caso ficou, para já, mais directamente, com as nossas Vicentinas.

Daremos mais notícias, se valer a pena.

Conjugando agora no masculino, não muito longe do local onde vive esta senhora, fomos ver um senhor que, apesar de ser ainda relativamente novo, tem um ar já bastante “acabado”. A mulher e as filhas deixaram-no só com o seu desalinho e os seus ataques epilépticos. Dos pais ainda veio algum apoio, mas já estão velhos e doentes. Voltar para junto deles de pouco serve e as relações com um irmão que por lá está não são boas.

É, por isso, mais uma pessoa que o isolamento e as agravantes que atrás referimos estão a fazer envelhecer precocemente.

Estamos a procurar um tipo de ajuda que pensamos poder dar-lhe um incentivo para sair da rota descendente em que se encontra.

Daremos também notícias deste lado, se valer a pena.

P.S.: Um muito obrigado à Maria Júlia, de Alfragide. Ela sabe porquê.

O nosso endereço:

Conferência de Paço de Sousa,
ao cuidado do Jornal O GAIATO,
4560-373 Paço de Sousa. □

LAR DO PORTO

Casal vicentino

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Neste novo ano queremos agradecer a todos os amigos quanta força espiritual nos têm mostrado, com suas cartas cheias de carinho pelo nosso trabalho.

Nós, vicentinos, não fazemos mais do que aquilo que Deus nos pede, ajudar do nosso semelhante com as nossas visitas aos irmãos mais necessitados.

Transcrevemos algumas das mensagens que nos foram enviadas, e os donativos que nos fizeram chegar.

«É tempo de Natal! Tempo de Amor, Amizade e Paz, entre os homens. Imbuída deste espírito natalício, desejo a todos os que vivem e colaboram nessa Casa, um santo Natal e um Ano Novo repleto de felicidades», Danila, 25 euros.

«Com votos de santo Natal, venho enviar um pequeno donativo para ajudar um pouquinho nas imensas necessidades dos vossos protegidos. Oxalá sejam muitos os pequenos e grandes donativos!», Maria Emília, 40 euros.

«Nas minhas pobres orações, peço ao Senhor e ao Pai Américo que a todos proporcione as melhores bênçãos de Deus. Envio junto uma pequena ajuda para resolução dos muitos problemas que os devem preocupar. Deus nunca faltou aos seus!», Maria Fernanda, 100 euros.

«Muito reconhecida pela vossa dedicação aos Pobres e idosos. Como eu não sou capaz de seguir os vossos passos, talvez este chequezinho vos dê algum auxílio para a causa em questão. São apenas 50 euros, porque desejo contemplar todas as vossas Casas.

Não sei quanto tempo mais terei o gosto de fazer este trabalho com tanto amor, pois já tenho 87 anos. Deus é que sabe. Se for da vontade d'Ele, que me deixe cá estar para poder lembrar-me de vós. Desejo-vos muita saúde e forças para continuarem essa bela missão», Maria Luísa.

«Junto um cheque com uma pequenina ajuda para os mais necessitados. É a minha prenda de Natal. Não dará para grande coisa, mas ajuda sempre. Peço a Deus que, nesta época, as pessoas sem lembrem daqueles que mais dificuldades experimentam. Não devemos pensar só em nós. São tantos a pedir...», Anónima.

«Junto envio simples lembrança para ajudar os vossos doentes e pobres», Anónima, cinquenta euros.

«Envio pequena importância para a Conferência. As necessidades neste País são muitas, temos de acudir a todos com um pouco», Maria Luísa.

Assinante 41712, cinquenta euros. Maria Teresa, cem euros. António Geadá, 75 euros. Assinante 64183, cinquenta euros. Assinante 34788, trinta euros. Assinante 79595, cinquenta euros. AAM, cem euros. Helena, dez euros. Maria Alice, vinte euros. Maria Carvalho, cinquenta euros. Maria Inês, cinquenta euros.

A todos o nosso muito obrigado e que Deus nos proteja para podermos continuar o nosso trabalho.

Conferência de S. Francisco de Assis
Rua D. João IV, 682
4000-299 Porto. □

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Foi por acaso, mas li: «(...) O meu neto foi aí jogar... e veio encantado com os vossos Rapazes!». Que bom! Pela parte que me toca, fico todo satisfeito. Eu, que tantas vezes, não vou além de um: — Bem-bom...! Não é por mal, mas... por muito que eles façam, eu acho sempre pouco.

Alguns de nós, viemos, como diz Pai Américo: «... das pedras das ruas...» Mas graças a Deus e ao Homem da Capa Preta, hoje, encantamos todos aqueles que nos visitam.

Este fim-de-semana, pelo que eu ouvi, voltamos a encantar alguns dos nossos visitantes. É um facto! No entanto, eu já não digo o mesmo. Depois de estarmos a ganhar por 1-0, 2-0, 2-1 e 3-2, consentimos o empate

3-3. Foi esse o resultado final no jogo com o F. C. Penafiel. Três golos nos últimos 45 minutos?! Só para quem anda a «nanar»!

«Muito riso, pouco siso» — é ditado antigo. Enquanto uns se «divertiam», outros, como por exemplo o Ricardo Sérgio, que de tanto ter trabalhado, saiu todo «rotinho», no fim dos 90 minutos. Que pena que não tenham saído todos assim!

Se calhar até houve mais, mas não de jogar a bola. É sempre assim! Quem mais fala, é quem mais falha.

O Grupo Desportivo tem novo ponta-de-lança, e como todas as nossas aquisições, foi a custo zero. Lucas, veio directamente de Moçambique e vem rotulado de «craque». Espero que não desiluda os nossos adeptos — eles são aos milhares...!

Quer a gente queira, quer não, o nosso Grupo Desportivo arrasta «multidões»... Ainda agora, por causa deste jogo, trouxe cá um homem que já não vinha à Casa do Gaiato há 50 anos. Como ele admirava a nossa bonita Aldeia?!

— Está quase tudo na mesma...! Mas fizeram grandes obras na Casa-Mãe, e o balneário, não tem nada a ver...! — dizia ele.

Se fosse só este a ficar admirado com a beleza ímpar da nossa Aldeia, eu até... mas são tantos!

Há tempos, estive com uma pessoa que me disse:

— Nunca fui a Paço de Sousa, mas já me disseram que a vossa Aldeia é muito linda».

Até os que não conhecem sabem!

Alberto («Resende»)



SETÚBAL

Padre Acílio

HAITI — Há muitos meses que não vejo nada de televisão. A não ser umas entrevistas com gente de juízo. Mal me sobra tempo para dormir e rezar. O resto não me desperta, antes me desgosta e aborrece.

Os rapazes não. Vêem sempre um pouco, ao fim-de-semana e alguns antes de deitar, pois em todas as casas têm, na sua sala, um receptor. Assim se apercebem do que vai pelo mundo e também pelo Haiti.

Na última reunião de Clero o Senhor Bispo entregou a cada um dos seus colaboradores uma carta a recomendar a colecta do próximo Domingo a favor das vítimas do tremor de terra naquele País da América Central.

A comunidade que vem à nossa Celebração é pouco numerosa e pobre, mas, mesmo assim, deixou 110,94 euros.

No pequeno-almoço, logo a seguir à Missa, fiz um apelo aos rapazes para que partilhassem também, sabendo claramente que os seus dinheiros são muito reduzidos.

«Nem que seja um cêntimo», disse.

Mas a contribuição ultrapassou muito a minha expectativa: — trouxeram 61,80 euros. Tinha-lhes lembrado a exaltação que Jesus fez ao Óbulo da viúva. Pois alguns fizeram como ela: deram tudo quanto tinham. Vi-lhes as moedinhas a correr das mãos.

Encheram-me o Domingo de gozo espiritual.

Quem desfruta de Rapazes como eu?

Quem?

OLIVEIRAS — Ao sábado, da parte da manhã até às 13 horas, os rapazes que não estudam e os outros, após os trabalhos de casa e revisão da matéria, vão trabalhar para o ordenamento da vida familiar e outras tarefas de exigência actual na casa, nas obras, oficinas, ou no campo.

Plantar oliveiras foi o meu sonho espontâneo, na apanha da azeitona, de uma abundante colheita.

As árvores estão dispostas numa pequena encosta, ao longo do terreno de cultivo e têm por cima uma estrada pública que já armazena humidade no tempo seco e quente. Daí o seu vigor.

Entre cada uma, há espaço à vontade para outra, dado que a folga dos lados não tem limites. Os rapazes andaram a cortar com um serrote de poda os filhos das azeitoneiras, rebentados das raízes próximas do tronco e a reduzir-lhes a copa na propagação das raízes pegadas à pequena e nova árvore e a plantá-las nos intervalos, após terem aberto uma longa e profunda cova onde depositaram muito estrume. Foi um trabalho que eles executaram com interesse e muito proveito.

Lidar com a terra não é só brincar

nela mas fazê-la produzir em favor do homem.

Esta actividade, entra-lhes por todos os acessos à interioridade do ser: — os sentidos, a intuição, a inteligência e sobretudo o empenhamento na vida.

«BOMBINHAS» — Era um problema na escola da sua terra e na própria família (?).

— Se a gente lhe podia dar a mão? — Fui ver e pareceu-me que sim.

Os 13 anos podiam ainda não ter extraído a capacidade de adaptação a uma vida correcta e a pensar novos rumos com a nossa luz e amparo.

O ambiente educativo na Casa do Gaiato é forte e constante. Mas, as coisas não correram bem.

Na escola juntou-se logo ao grupo dos mais pervertidos e, como passa naquele recinto a maior parte do tempo, envolveu-se com os outros e quis brilhar (!). Atreveu-se a rebentar uma bomba de carnaval em plena aula.

Quem o vê, com uma carinha de anjo e gestos afectivos nem acredita. Mas foi verdade.

O castigo da escola seguiu já com a expulsão por 3 dias.

Em Casa, terá de fazer trabalhos de Inglês e Matemática, enquanto o orvalho não evapora e, a seguir, com uma enxada, será obrigado a sachar as favas todas. Os rapazes também se vingaram. Agora chamam-lhe “Bombinhas”. □

MALANJE

Padre Rafael

«Fazer de cada rapaz um homem»

SEU nome é Eliseu e tem cerca de 4 anos, a verdade é que ninguém sabe ao certo a data de nascimento. Ele estava com sua avó, porque há um ano faleceu a sua mãe; do pai não se sabe nada. Foram umas Irmãs que o trouxeram, porque a idosa trabalha numa das lavras que têm. Eliseu não foi capaz de articular uma palavra, quando o trouxeram, mas apareceu o nosso Mendes e desde esse dia vai atrás dele e não o deixa nem na hora de comer.

Seu nome é Abel e tem 12 anos. Tem a mão direita inutilizada. A sua mãe morreu enquanto o carregava num pano às suas costas. Parece que um dos tiros lhe feriu a mão quando era bebé. Durante

estes anos, viveu com a sua avó que faleceu há um ano. Desde essa altura, foi um tio que o tomou a seu cargo. Como seu tio é jovem não pode tomar conta do Abel; para além de o pequeno ser rejeitado na escola — pela sua deficiência. Esta é parte da história que nos contaram...

Seus nomes são: Teodoro, de 16 anos, e Toy, de 4 anos. Foram trazidos do MINAR (Instituição do Governo que cuida das crianças). Parece que ambos são órfãos e que, sobretudo o mais pequeno, é um pequeno diabito e não podiam com ele, pois têm uma casa onde foram recolhidos, temporariamente.

Com estes são já quatro os rapa-

zes que entraram em nossa Casa. Quando chegam, faço sempre a mesma pergunta. Como chegaremos a fazê-los sentir como nossos verdadeiros filhos e, finalmente, quando um dia decidirem sair, dizer: «Este é o meu filho em quem me comprazo». Embora, para isso, ainda falte muito tempo.

O nosso Od já saiu de Casa. Quando entrou, tinha 10 anos apenas. A verdade é que tem tios, mas nunca o aceitaram. Depois de um ano com muitas complicações, decidi ir pela sua independência e procurar um trabalho. No próximo mês, inicia a sua nova vida. Decidiu tomar a seu cargo os filhos do irmão, que morreu há um ano, e atender a uma irmã que é

deficiente. O único que não pediu ajuda para uma casa em Luanda, comprar uma cama e pouco mais.

Muitos outros estão fazendo planos para trabalhar durante o dia e estudar à noite. A verdade é que o futuro parece fácil, mas têm a confiança de saber que estamos aqui para apoiá-los.

Tinguna chegou ontem. A verdade é que vem muito deteriorado por uma malária que não curou

devidamente. A empresa deu-lhe um mês de férias para ver se ele recupera. Ele decidiu vir para nossa Casa, que é a única que tem. Ainda me lembro quando no Natal, há dois anos, me agradeceu por lhe ter ensinado, um mês antes de ir para Luanda, que o pão é obtido pelo trabalho.

Espero que ele recupere em nossa Casa e possa voltar, de novo, ao seu trabalho em Fevereiro. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Canas quebradas

NO mundo ocidental, tem crescido a irritabilidade e a agressividade nos mais novos. Estes comportamentos têm levado ao aumento e até abuso de prescrições e consumo de psicofármacos, para tratar tais problemas. Nos países ocidentais, verifica-se que há maior incidência de depressões do que nos países pobres.

Algumas explicações deduzem-se da crise da família alargada, com o aumento dos divórcios e separações, e de famílias monoparentais. Também, o tempo em que as crianças se encontram em contextos familiares, equilibrados, tem mudado de forma drástica.

Outros motivos encontram-se numa sociedade em que as imagens agressivas proliferam e se exploram os desejos excessivos de bens materiais. Veja-se a panóplia de brinquedos, jogos e filmes, de mau gosto e efeito, fabricados para atrair os mais jovens, incautos.

Não há dúvida que os comportamentos agressivos, na infância e adolescência, têm relação com o ambiente humano em que se desenvolvem os mais pequenos, que é extremamente aberto e flutuante,

na *aldeia global* em que vivemos e a maioria sobrevive, na miséria.

Com o abandono do mundo rural, a ocupação braçal tem diminuído e conduzido ao sedentarismo e estatismo, precoce. Recentemente, em Portugal, é reveladora a procura, na periferia dos centros urbanos e no interior, de espaços verdes para cultivo, por aqueles que, por razões profissionais e necessidade, não querem ser engolidos numa sociedade hiper-estimulada e com sinais agressivos.

Entre nós, os nossos pequenos e persistentes cantores, actores e dançarinos de uma Festa - Encontro, no nosso palco, aproveitaram bem a hiperactividade ou problemas de comportamento, transformando-os em beleza artística, como que reciclando o que pode parecer negativo. O ser humano é um corpo em movimento, em que o ritmo e a agilidade são talentos e bem visíveis nos africanos, desde a infância.

Porém, são imprescindíveis momentos de paragem e silêncio, para se reflectir sobre si próprio e os acontecimentos que nos rodeiam. Nos nossos actos comunitários,

como as refeições e o Terço, é custosa a concentração e desenvolve a conversação, nas salas. Os garotos, depois de várias horas de escola, querem refilear uns com os outros e até medir forças. No jogo do berlinde, no poço, às vezes, mais parece uma assembleia da coisa pública.

Alguns dos nossos pequenitos, num fim-de-semana, desataram a catar caules de um arbusto, cujas canas partidas serviram para as suas disputas. Era uma boa comandita... Chamados à ordem, alguns compareceram a tomar outro instrumento para deixarem o teatro de operações varrido. E, mesmo assim, adiantaram-se a dizer que mereciam prémio! Com olhar meigo, o Divino não conseguiu trincar um pedacito de chocolate sem chamar os outros companheiros, sorrindo: — *E o Rocha...*?

No paraíso a construir já, aqui na terra, e também Pai Américo sonhou para os seus filhos, cabe a alegria intensa de momentos fortes e felizes, como aconteceu no encontro festivo dos 70 anos de vida da Casa mãe, onde sofreu e amou, incutindo esperança e reunindo laços quebrados, numa Família que se estendeu a outros horizontes. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

70 ANOS DA NOSSA CASA — Continuaram, como muita beleza e arte, as comemorações dos 70 anos de vida da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Na verdade, houve a anunciada Festa — Encontro, no nosso salão de festas, a 31 de Janeiro, Domingo, pelas 15.00h. Com o aproximar da hora marcada, foram chegando muitos Amigos e antigos Gaiatos, que encheram a sala (cerca de duas centenas de pessoas) com o seu calor humano. As entidades locais estiveram representadas.

O alinhamento do espectáculo constou de 9 partes, apresentadas por André e Bruno, e intercaladas com canções interpretadas pelo nosso amigo Paulo Sousa. Assim, no início, os Batatinhas (Aiyune, Amadú, Arménio, Betinho, Diogo Madeira,

Divino, Evguénio, Flávio, João, Luís, Malam, Rocha e Victório) apresentaram-se individualmente, colocaram a frase de Pai Américo “*Eu quero os meus filhos no paraíso*” e cantaram “*Amar como Jesus amou*”, orientados pela professora Paula Sousa. Depois, foram levadas à cena as divertidas peças “*Zé das moscas*”, “*O barbeiro*” e “*Estátua viva*”, cujos actores foram: Belizário, Grazina, Diogo Silva, Feliciano, Flávio, Joaquim, Natanael e Rui. Houve, também, dois bons momentos de danças modernas com: Aiyune, Fábio, Feliciano, Joel, Paulo Cabissandin e Rui. Entretanto, a boa disposição continuou com “*O sargento e o soldado*”, com os professores Alberto e Paulo. Em seguida, os *Batatinhas* regressaram ao palco

com mais canções. Finalmente, foi cantado por todos os participantes o novo *Hino dos Gaiatos de Miranda do Corvo*. Os nossos Padre Manuel e João deram os parabéns aos Rapazes e colaboradores, e agradeceram aos Amigos presentes. Tratou-se de uma grande tarde de alegria e convívio, que continuou com uma boa merenda, aberta, na nossa sala de jantar, preparada pelas senhoras D. Nazaré, Cecília, Graça e Odete, que também cuidaram do guarda-roupa.

AGRO-PECUÁRIA — O couval tem-se aguentado, embora o frio se faça sentir. Depois do arranjo do salão para a festa dos 70 anos, continuou-se a cuidar dos jardins, com o corte de sebes e relvas, e a poda dos arbustos e árvores. □

DOCTRINA

Pai Américo

*Mudam os tempos,
mas algo permanece
— a Caridade.*



ESTIVE na Casa das Irmãzinhas dos Pobres ao Pinheiro Manso, no Porto, para ter o prazer espiritual de conversar por uns minutos, como de facto conversei, com a Superiora Geral daquela Congregação Religiosa. Apenas soube pelos jornais da sua presença entre nós, fui impelido a ir vê-la de perto, por uma necessidade interior. Eu era ali umromeiro, levado por devoção. Mandaram-me entrar para uma sala muito pequenina; os aposentados largos e airosos, esses são destinados às suas visitas permanentes, os Velinhos mai-las Velinhas que, por pobres, enriquecem aquela Obra e alegam a alma de todos quantos a conhecem. Pequena sala, sim, aonde não falta nada que é dado à Pobreza do Evangelho. Devia ter sido assim a Casa de Nazaré. Mal me sento, entram quatro religiosas, que me informaram ser a Boa Mãe Geral, a sua secretária, a Mãe provincial de Espanha e a Superiora local do Pinheiro Manso. Nada que as distinga exteriormente. Não há divisas. Não há galões. São todas rasas. Anónimas.

SENTÁMO-NOS. Começo a fazer perguntas. Eu ia para saber. Tenho fome e sede de saber; e só os mestres é que ensinam. Mestres segundo o espírito do Mestre. Todos os mais são «mestricos com seu livricos». A simplicidade daquelas quatro senhoras que tinha ali à minha frente, é intraduzível. Via-se-lhes a alma através do corpo. Cada palavra é um jacto de plenitude. Elas estão cheias. Vida plena. A vida de Jesus escondida no seio do Pai Celeste. É a Caridade. Isto é a Caridade. Todo o mundo se julga apto a mexer nesta palavra e assim se tornou vulgar o que há de mais precioso. A Caridade anda por aí de braço-dado com as coisas e as pessoas mais requintadas. Pretende-se que seja uma palavra da moda; um rótulo chique. Entra nos salões. Come e bebe do melhor, para em seguida morrer nos lábios de quem a profere, porquanto palavras... são palavras. O que não teria em si grande mal, se não fora os estragos causados nas almas, por estas fórmulas grosseiras de arremedar o Amor. Sim, digo bem. Arremedar o Amor. Pretende-se amar os que gemem e sofrem por meio de bodos e festas chamadas de caridade. Assim se profana o divino!

MAS continuemos na pequenina sala, a escutar lições. Falam as servas dos Pobres. Já o sabia, mas quis ouvir da Boa Mãe Geral. Se não é ungida, foi escolhida para as vezes de Fundadora; tem o penhor da continuidade. Pode dar informações. Já sabia, sim, que na Regra delas não há criadas. Não há serviçais. Por ter sido Criada de servir a Mulher que fundou a Obra, não quis criadas na Obra. São todas Irmãs. Irmãzinhas dos Pobres, como hoje se lhes chama, a servirem os seus irmãos pobres. Elas têm 312 casas nas cinco partes do mundo, com uma população de 47.000 almas. Pois bem, são elas, as Irmãzinhas e são eles, os seus Irmãos pobres. Não há serviços que elas não possam fazer. Não há nada imundo nem indecoroso. Não há olhos. Não há ouvidos. Não há olfacto. Nada daquilo por onde se peca. Os cinco sentidos cedem. A caridade vence. É a vitória total. Elas não são, mas vivem da Caridade; quero dizer, vivem do amor que as consome; de sorte que, as suas numerosas Casas não são depósitos de Inválidos. Não são. São vida. Vivem todos ali dentro da Vida que as devora. Caridade! Oh, mundo ignorante e infeliz!, oh, mundozinho dos salões e das festas!, diverte-te a teu modo, sim, mas não conspurques.

Do livro *Doutrina*, 1.º vol.
(Continua no próximo número)

BENGUELA

Padre Manuel António

Circulação da vida

CHEGOU a hora. As chamadas são muitas, ao mesmo tempo. Filhos e mais filhos que vem vir à luz, na Casa do Gaiato de Benguela. São acolhidos com amor e esperança. Porém, o ventre desta mãe é limitado e não pode recebê-los todos. Aguardamos, por mais algum tempo, a saída dos mais velhos para a sua autonomia. O emprego está à porta, como condição necessária. Quem dera não demore! Faz-se, deste modo, a circulação da vida, dentro da Casa do Gaiato. Não queremos ser um armazém de filhos. Vamos receber os que pudermos, salvaguardando as condições necessárias para o seu crescimento e desenvolvimento.

Todas as energias humanas são necessárias para investir na educação destas crianças. Os pais não podem poupar ou desperdiçar as suas capacidades na formação dos seus filhos. A condição é caminhar. Surgem as resistências que podem ter muitos nomes. A consciência das limitações não deve levar ao desânimo ou à demissão da sua responsabilidade. Quantas vezes acontecem

os grandes fracassos do crescimento desequilibrado dos filhos! Onde nascem? Na fuga dos pais ao cumprimento da sua missão. Quem dera experimentassem a autêntica liberdade na dedicação, sem reservas, à educação dos seus filhos!

Falo, desta maneira, porque sinto, à nossa volta, nos bairros e na cidade que nos cercam, a presença duma multidão de crianças a necessitar de acompanhamento familiar. Só nestas condições o trabalho educativo, que é um verdadeiro serviço, será eficaz. Fazem falta os corações que amem tanto, tanto, até gastarem a última gota de sangue. Estou a lembrar-me daquela pobre mulher, mãe de três meninas e um menino. O homem foi-se. Os filhos cresceram sem registo civil e sem escola. As duas filhas mais velhas já têm 17 e 14 anos. A mãe veio pedir-me ajuda para resolver o problema do registo e da escola. São tantos e tantas nestas condições! Demos a mão. Os filhos estão registados. Foi uma luta bem sucedida. E a escola? Vamos caminhar com esperança. É no dar as mãos que a

riqueza do coração levanta e salva. Que dizes? Que fazes?

Recebi esta carta: «Mais uma vez vou enviar uma migalhinha para os seus pobres. Se eu pudesse, mais enviaria. Não sou rica. Tenho a minha reforma. As dificuldades são tantas...» Graças a Deus! Quem dera não faltem nunca estes corações, cheios de sabedoria, fonte de luz e de força para tantos outros que buscam a felicidade. Os nossos mais pequeninos regressaram, muito contentes, da praia. Passaram, alguns dias, na casa que habitualmente nos é emprestada, na praia da baía de Santo António. A Teresa acompanhou-os com todo o carinho. Outro grupo foi acompanhado pelo José Luís que se fez tudo para eles. O P. Sissimo também deu a sua experiência feliz, na companhia dos primeiros pequenos. Quem nos dera ter uma casa própria para esta finalidade! Ainda não chegou a hora.

Mais urgente, contudo, é a recuperação geral das nossas residências. Faltam-nos os meios financeiros para um investimento elevado. Vamos continuar à espera. Entretanto, não queremos que falte o necessário às famílias que nos procuram para comprar a areia e outro material necessário para as suas casinhas. É o caminho certo e seguro por onde o resto nos virá. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

PARECEU que estávamos todos iluminados ou melhor irradiando luz resplandecente no rosto dos outros!

Íamos fazer a escritura da casa da cancerosa de 4 filhos que encontrei, no verão, prostrada pela doença e avolumada por ela.

Uma casa — diria melhor — 2 habitações, uma sobre a outra na encosta norte e alta do rio Tâmega.

Estávamos: o Alberto, antigo Gaiato e meu colaborador nesta empresa — a esposa ficou em casa a arrumar a loiça do almoço e a entreter a neta pequenina — o filho dele, advogado, que cedo agarrou como seu aquele sonho, o casal; ela, a doente com muito bom aspecto, após a operação, o que agradavelmente me surpreendeu e alegrou, o marido, um homem pacato sem grandes horizontes, a notária uma excelente senhora, o advogado e o emissário do banco.

A notária e o advogado, ambos interessados em encontrar a melhor forma jurídica de assegurar a posse da habitação à família. Não venham eles, amanhã, a hipotecar ou vender o que lhe demos. Isso ficou garantido na escritura e os 4 filhos com direitos inalienáveis.

A casa estava hipotecada ao banco! Os bancos são donos de tudo!!!!

O cheque passado ao vendedor iria directamente para as mãos do representante bancário. Precisava de ser visado. E esta? — Eu já tinha perguntado; mas, como esta acção tinha um alcance fora do

comum, haviam me dito não ser necessário. E eu acreditei. Agora tinha de ser visado.

Rabeei quanto pude: — *Não podemos telefonar ao gerente do banco e pô-lo em contacto com o seu?* — alvitrei. Foi o que se fez. Tudo ficou resolvido.

A Obra da Rua e o seu Património dos Pobres não tem palavra? Onde estamos? — mas teve e foi respeitada.

Por baixo da mesa, sem ninguém notar e instintivamente dei comigo a esfregar as mãos!

Presenciamos todos uma cena que não era deste mundo.

Comprávamos, para dar, uma casa a uma família que nunca sonhara ser dona do seu próprio ninho! Estávamos resplandecentes quase como os discípulos no Tabor.

No Cartório eram atenções em catadupa! A Notária exprimiu-se com uma alegria indisfarçável: Eu só vou cobrar o que tenho de pagar ao estado.

O Estado não perdoa! — À Fazenda Pública passei mais um cheque de 580,00 euros e, para despesas burocráticas mais 200,00 euros em dinheiro.

Em Mira, por onde passei, a acompanhar uma reunião do Grupo Caritas, a sofrer com os pobres, crescendo na Santidade e na Fé; deram-me 3 envelopes com notas que gastei nestas miudezas nos 200,00 euros e no gasóleo.

O Alberto comigo, fomos de novo ver a casa. Olha-la por cima que está situada na encosta, passeá-la por dentro e pelos lados. Subir e descer as escadas. Ver as

janelas, as paredes engorduradas e rasgar a vista para a lindíssima e vasta paisagem que ela desfruta e ninguém pode arrebatar.

Ao longe nos píncaros da montanha o sol despedia-se, beijando os penedos e as árvores, num até amanhã esperançoso. No Vale, junto ao rio, de um lado e do outro, nas margens, subiam nuvens de fumo enroscando-se sobre si próprias, mais claras e mais escuras, assinalando chaminés e fogueiras numa batalha contra o frio cadente. Nós contemplávamos agora os 4 pequeninos regressados da escola, à sua casa: - Olhe que lindos! Exclamava o Alberto, abrindo-me mais o coração.

O irmão deficiente e o pai irmão viver para o andar do casal e a família ocupará a habitação do pai que é mais espaçosa.

O telhado irá ser reparado bem como as janelas e as portas. «*Queremos a casa limpa, para na Páscoa, virmos comer convosco um almoço*» — despedi-me com ar de graça.

Ninguém faz prodígios destes! — Só Deus e o seu Amor!!!!

A direcção postal do Património dos Pobres:

**Casa do Gaiato de Setúbal
Algerúz
2910-281 Setúbal. □**

**Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Janeiro,
48.500 exemplares**

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

NOS três últimos meses do pretérito ano, tivemos dois rapazes que quiseram levantar voo do nosso ninho, atraídos por vozes exteriores de familiares.

Um com o nosso conhecimento e o outro sem ele, lançaram-se à aventura da vida nos seus vinte anos de idade. Não podemos dizer que iam para serem autónomos e independentes, pois saíram dos nossos braços para outros braços; era somente uma transferência.

Foram, tentaram e viram. Conheceram melhor a realidade da vida, que só é compreendida quando os sentidos vitais recebem plenamente os seus estímulos.

Não lhes faltaram os elementos básicos para a subsistência; nem sequer pessoas próximas pelo sangue; faltou sim a segurança, a que só os laços autenticamente familiares dão garantia de estabilidade e harmonia para a vida.

Esta é a necessidade mais elementar do ser humano, não tanto para a sua sobrevivência imediata, mas para o equilíbrio da sua vida. Na ausência dela nasce a solidão.

A solidão tem pois as suas raízes na falta de segurança, não exterior, mas no interior do ser humano. De todas as criaturas, só ele experimenta a solidão.

Ora daqui vemos que embora esteja hoje muito difundida e acreditada a segurança social, exterior como ela é, não garante no entanto a segurança emocional, interior, para o que aquela não basta. Esta carência não se pode colmatar com bens materiais. Só havendo quem se entregue por quem sofre a solidão, se pode preencher o vazio em que esta se constitui, ajudando a recuperar a necessária segurança interior.

Posso dizer que esta é a nossa principal vocação. Embora tantas vezes sejamos chamados a contribuir para a satisfação de necessidades básicas de pão, casa e das consequentes despesas de energia que lhe estão associadas, dar vida ao coração humano é uma incumbência que nos foi atribuída. Para isso tudo aponta. Aliás, esta é a missão da Igreja recebida do seu Senhor, que quer dar vida, e vida em abundância a todo o homem.

Por isso dizemos, como Pai Américo referiu quando falou do equívoco que nos caracteriza, porque não compreendido por muitos do seu tempo, que não somos uma obra social de assistência, destinada a prestar um serviço de solidariedade ou segurança social, mas uma «obra humana com sabor divino» para colmatar a carência mais elementar do homem: de vida interior, que se não vê, mas que frutifica em vida exterior que todos vêem.

E há tantos e tantos, cada vez mais — dirás, carentes de uma vida com sentido.

Foi descobrindo que o sentido das suas vidas ainda vai passando pela sua permanência entre nós, que estes dois nossos rapazes voltaram, após ter estado cada um fora cerca de um mês, num voo feito de importantes e atribuladas descobertas para o seu futuro. □

Campanha de Assinaturas

O Evangelho deste Domingo fala-nos de como *naquele tempo* «*todos se admiravam da doutrina de Jesus, porque Ele a ensinava como quem tem poder*». Esta é, justamente, a marca do Evangelho em todos os tempos: a força que Ele é e desencadeia mediante homens que acreditam n'Ele e gastam suas vidas a creditá-IO. Pai Américo é desta estirpe. E, por isso, O GAIATO, expressão da sua Fé incarnada em obras, tem o impacto que tem — porque é palavra autorizada pelos bens de que é causa instrumental.

Há semanas, um dos Leitores para quem «*lê-lo — é a primeira coisa que faço quando o recebo*», desabafava assim: «*O número de hoje é denso de doutrina, acontecimentos e reflexões. Dava para inúmeras conversas. Mas fiquei consolado, até por verificar que as nuvens negras, de há anos, se dissiparam. E a Obra segue em frente e cada vez é mais necessária, nem que seja para mostrar como se deve fazer*».

Que dirá ele da edição de há quinze dias, tão cheia de realidades amargas e todavia temperada pela Esperança bebida do «*Evangelho em sangue*», como nos esclarece Pai Américo na sua presença nesse número!

Nesta quinzena tivemos a alegria de Assinantes novos que vieram por iniciativa de velhos Rapazes nossos (alguns duramente experimentados pela crise em idade que lhes dava o direito de permanecerem na estabilidade, modesta mas suficiente, em que viviam); uns até com a assinatura paga adiantadamente; e todos bem informados de que o preço autêntico é ler. Ler para comungar em preocupações reveladas e, assim, reforçar o diálogo, em palavras e acções, que as irão mitigando. Não tenham medo de ler nem de se afligir — nada disto será em vão. E «*dos fracos não reza a história*»!

Quem dera mais Rapazes dos antigos, pais e avós muitos deles, se mobilizem para esta acção em favor d'O GAIATO, que redundará, afinal, em favor da Sociedade a que pertencemos, para que haja melhores consciências e, consequentemente, mais Justiça e Paz social.

O correio de todos os dias tem trazido novos assinantes. Igual notícia irá chegando, certamente, às outras nossas Casas e Depósitos; e oportunamente aqui chegarão à sede do Jornal. É o fiozinho de água que queremos corrente e não há-de secar.

Os Rapazes da Administração